

PSICANÁLISE INICIÁTICA: DO REAL DO INCONSCIENTE À CONSCIÊNCIA PURA

INITIATIC PSYCHOANALYSIS: FROM THE REAL OF THE UNCONSCIOUS TO PURE CONSCIOUSNESS

DOI: 10.16891/2317-434X.v13.e5.a2025.id2409

Recebido em: 16.10.2024 | Aceito em: 02.11.2024

João Luiz da Silva Neto^{a*}, Luciano da Fonseca Lins^b

**Centro Universitário da Vitória de Santo Antão – UNIVISA, Vitória de Santo Antão – PE, Brasil^a
Universidade de Pernambuco – UPE, Garanhuns – PE, Brasil^b**

***E-mail: joaoneto.psi@gmail.com**

RESUMO

A Psicanálise surgiu com Freud desvelando os imperativos inconscientes das neuroses, identificando o recalque e a libido como características fundamentais do psiquismo. Muitos psicanalistas lhe acompanharam e outros lhe sucederam, ampliando visões e multiplicando perspectivas. Esta pesquisa, de natureza qualitativa, do tipo revisão bibliográfica, tem o objetivo de evidenciar os múltiplos aspectos da Psicanálise na atualidade, para além da sexualidade, com destaque, especialmente, aos aspectos espirituais, subjacentes na Psicanálise, a partir da obra de Jacques Lacan. O estudo evidenciou que, antes de compor sua teoria, Lacan dedicou-se ao estudo do Taoísmo e do Zen Budismo, no Oriente. A influência da filosofia oriental, de caráter eminentemente espiritual, se revela em sua teoria, particularmente no conceito de Real, Simbólico e Imaginário. Partindo do trabalho de Lacan, a Psicanálise Iniciática integra saberes psicanalíticos e espiritualidade em seu arcabouço teórico e manejo clínico. Valendo-se de intervenções como a transferência e a interpretação, mas também a Metáfora e os *Koans*, o psicanalista iniciático busca propiciar condições para que o indivíduo transcenda as identificações com o Ego, haja vista que tais identificações constituem um aprisionamento ao tempo psicológico, o qual tanto gera fixações ao passado traumático, quanto uma vida de fantasias em relação ao futuro. A desidentificação com o Ego permite estar plenamente no instante, o que amplia a percepção da realidade e promove a integração à Consciência pura.

Palavras-chave: Psicanálise Iniciática; Saúde mental. Espiritualidade.

ABSTRACT

Psychoanalysis emerged with Freud revealing the unconscious imperatives of neuroses, identifying repression and libido as fundamental characteristics of the psyche. Many psychoanalysts accompanied him and others followed him, expanding visions and multiplying perspectives. This research, of a qualitative nature, of the bibliographical review type, aims to highlight the multiple aspects of Psychoanalysis today, in addition to sexuality, with emphasis, especially, on the spiritual aspects, underlying Psychoanalysis, based on the work of Jacques Lacan. The study showed that, before composing his theory, Lacan dedicated himself to the study of Taoism and Zen Buddhism in the East. The influence of Eastern philosophy, of an eminently spiritual nature, is revealed in his theory, particularly in the concept of Real, Symbolic and Imaginary. Building on Lacan's work, Initiatory Psychoanalysis integrates psychoanalytic knowledge and spirituality into its theoretical framework and clinical management. Using interventions such as transference and interpretation, but also Metaphor and Koans, the initiatory psychoanalyst seeks to provide conditions for the individual to transcend identifications with the Ego, given that such identifications constitute an imprisonment in psychological time, the which both generates fixations on the traumatic past and a life of fantasies regarding the future. Disidentification with the Ego allows one to be fully in the moment, which broadens the perception of reality and promotes integration with pure Consciousness.

Keywords: Initiatory Psychoanalysis; Mental health. Spirituality.



INTRODUÇÃO

A Psicanálise surgiu em 1900, quando Freud ([1911] 2001) apresentou ao mundo *A Interpretação dos Sonhos*. Foi uma quebra de paradigma, pois, à época, imperava o modelo cartesiano, o qual se propunha a investigar os domínios da subjetividade pela via da *racionalidade*. Como recorda Garcia-Roza (2005), no século XIX, a referência central e às vezes exclusiva para o conhecimento era a subjetividade. Este conhecimento era considerado uma verdade e esta *verdade* habitava a *consciência*.

A partir dos estudos sobre a histeria, Freud ([1911b] 1996) apresentou a *primeira tópica do psiquismo*, segundo a qual a psique apresenta dois sistemas de funcionamento – o sistema inconsciente e o sistema pré-consciente/consciente – atuando concomitantemente e, muitas vezes, em oposição, sendo a pulsão (energia psíquica de caráter inconsciente) geralmente mais insidiosa e prevalente do que as determinações racionais.

O que gera a clivagem da psique em instâncias distintas – os sistemas inconsciente e pré-consciente/consciente – é o **recalcamento**. De acordo com Freud ([1914a] 1996), a teoria do recalcamento é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise. No escólio de Laplanche e Pontalis (2001), o recalcamento ou recalque (*Verdrängung*) é a operação pela qual o sujeito repele ou mantém no inconsciente representações ligadas a uma pulsão (pensamentos, imagens, recordações). O recalque é especialmente marcante nas neuroses, mas também desempenha papel primordial em outros quadros de adoecimento, assim como na *psicologia normal*. O fato mais significativo nesse fenômeno é que, apesar dos conteúdos excluídos não estarem disponíveis à dimensão consciente, influenciam a vida psíquica e o comportamento, interpondo-se (*retornando*) de diversas maneiras disfarçadas.

A Psicanálise foi a primorosa obra de Freud. Não é exagero dizer que, para ela se estabelecer com credibilidade num meio tão hostil, ele precisou dedicar sua vida a constituí-la, divulgá-la e defendê-la de inúmeros ataques (GAY, 2012). Os conceitos apresentados e sua técnica inusitada levantaram muitas oposições, de modo que, quando seus pares buscavam introduzir novos elementos passíveis de ampliar a polêmica e engrossar a

resistência da ciência e sociedade da época, Freud era tenaz em dissuadi-los e, se necessário, afastá-los do círculo da Psicanálise, a qual tinha como *sua*. No entanto, como alerta Figueiredo (2009), a era das escolas e rivalidades passou, o momento atual exige o atravessamento de paradigmas.

Lacan destaca-se entre os psicanalistas que empreenderam esse atravessamento de paradigmas. Na biografia que produziu sobre ele, Roudinesco (2008) dedicou um capítulo para tratar da busca de Lacan pelo Absoluto, informando que ele sempre fora atraído pelo Extremo Oriente e que, antes de apresentar o seu ensino, estudou o Zen Budismo no Japão e aprendeu o chinês, na Escola de Línguas Orientais, mergulhando no estudo do Taoísmo, com a assistência do sinólogo François Cheng. Ainda de acordo com Roudinesco (2008), foi depois de se aprofundar na obra clássica do Taoísmo, o *Tao Te Ching* e sob sua influência, que Lacan formalizou a tópica do Real, do Simbólico e do Imaginário. De fato, ao compararem-se os conceitos Real, Tao e Consciência, vê-se como eles se afinam e traduzem ideias muito semelhantes, isto é, aquilo que está completamente fora da linguagem e da possibilidade de representação.

Outrossim, logo no seu primeiro *Seminário*, Lacan [1953-1954] 1983) afirmou que a atitude do psicanalista, sujeito suposto saber, não deve ser a do mestre, *senão a do mestre budista*. O mestre budista ensina por meio de *Koans*, enigmas que não podem ser respondidos pela mentalidade racional, mas pela intuição (ANDRADE, 2023). Lacan, por sua vez, em seu ensino vale-se, sobretudo, de aforismos, um equivalente dos *Koans*. A mensagem que ambos carregam dirige-se à Consciência, e não ao ego, portanto, só pode ser apreendida pelo *insight*. Eis, portanto, delineadas as contribuições do Taoísmo e do Zen Budismo à Psicanálise lacaniana. É notável não apenas uma compatibilidade entre os princípios espirituais orientais e a teoria de Lacan, mas uma influência seminal dessas tradições espirituais na formulação de sua teoria e prática clínica.

METODOLOGIA

A presente pesquisa, de natureza qualitativa, se constitui como uma revisão de literatura do desenvolvimento da Psicanálise, desde Freud até os dias atuais. Portanto, sua primeira etapa constituiu-se na coleta



de dados, partindo dos textos originais de Sigmund Freud e seguindo pelos textos originais de seus sucessores, como Carl Jung, Alfred Adler, Sándor Ferenczi, Jacques Lacan e outros teóricos significativos. Nesta etapa, o critério de seleção dos autores foi a consideração de sua contribuição para ampliação da teoria psicanalítica, culminando com o reconhecimento da dimensão espiritual em seu arcabouço teórico. Adotou-se uma abordagem integrativa do material, qual a de Figueiredo (2009), que considera as distinções como perspectivas complementares a respeito da realidade psíquica.

Para além dos textos clássicos, recorreu-se às bases de dados científicas de acesso livre no idioma português. A busca ocorreu nas seguintes bases de dados: PsycINFO, PubMed, ScIELO, Google Scholar. O material foi analisado por meio de uma abordagem crítica e interpretativa, focada na comparação e integração das ideias. Os critérios de inclusão adotados foram artigos nacionais na língua portuguesa, indexados nas bases científicas selecionadas no período entre 2018 e 2024. Foram excluídos trabalhos de conclusão de curso, dissertações, teses e apresentações de trabalhos em eventos científicos, estudos de outras línguas não selecionadas, estudos com outras temáticas e artigos sem acesso gratuito. Após a aplicação desses critérios e a leitura dos resumos dos artigos, restaram 12 (doze) artigos para a etapa de leitura integral dos arquivos. Três deles foram excluídos, por tratarem o tema espiritualidade sem maior aprofundamento, mais próximo do senso comum. Desse modo, a amostra final foi de 9 (nove) artigos, selecionados por articularem psicologia e espiritualidade ou psicanálise e espiritualidade, tratando a espiritualidade como dimensão da transcendência humana, sem vieses dogmáticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Apesar da Psicanálise haver nascido grandiosa, seria impossível o olhar de um único homem abarcar o inconsciente em toda sua dimensão. No entanto, as ampliações, mormente as *inovações*, foram rechaçadas por Freud e os psicanalistas que as sustentaram foram excluídos da Sociedade Psicanalítica de Viena e *recalcados*, isto é, tidos como se nunca houvessem existido. Assim se deu, por exemplo, com Alfred Adler, Carl Jung, Sándor Ferenczi, que conviveram diretamente

com Freud; mas também com Melanie Klein, Donald Woods Winnicott, Erich Fromm e tantos outros, que *os freudianos* cuidaram de afastar e tentar debelar. *Mas o recalcado persiste...* Deste modo, foram surgindo várias escolas psicanalíticas, neo-psicanalíticas ou com denominações distintas, mas, ainda assim, *psico-analíticas* em sua essência.

Figueiredo (2009) observa que, se por um lado, isto foi muito proveitoso, ao passo em que se produziu uma multiplicidade de saberes, por outro lado, o mesmo fenômeno produziu visões monoculares, pois *kleinianos* liam apenas Klein e outros seguidores de Klein; *winnicottianos* pautavam-se apenas em Winnicott e seus discípulos, e assim por diante, formando-se verdadeiras *filas indianas con-correntes*. Muitos chegaram mesmo a esquecerem-se de Freud! Todavia, em meados da década de 1970, a *fidelidade escolástica* entrou em crise e, afinal, na década de 1990, *a era das escolas se extinguiu*, “o que, por sinal, tornava mais perniciosos (e ridículos) os movimentos seccionistas” (FIGUEIREDO, 2009, p. 16).

Como constata Figueiredo (2006), hoje sabemos que os chamados pós-freudianos não fazem sombra a Freud; ao contrário, trazem novas luzes, a partir das quais Freud se reconstrói e volta a poder nos oferecer novidades preciosas. Na verdade, o que de mais interessante apareceu, nos últimos anos do século XX, em todos os lugares importantes do Ocidente em que a produção da psicanálise é significativa foram as perspectivas inter e transescolares. Elas ampliam e atualizam a Psicanálise.

Portanto, Ferenczi não é mais visto como o *enfant terrible* da Psicanálise (HENTZ et al., 2023), afinal, ampliar possibilidades técnicas, evidenciar a necessidade do psicanalista ser analisado antes de analisar e demonstrar que em muitos casos a ternura é mais eficiente do que o distanciamento afetivo não é subversão, é desdobramento, *re-invenção* de um saber, que em nada macula a concepção originária. Tanto que André Green classificou Ferenczi como “o pai da psicanálise moderna” (HENTZ et al., 2023, p. 23). Da mesma forma, não faz mais sentido considerar Jung *um desertor* da Psicanálise, e sim, aquele que, mapeando arquétipos, vislumbrou no inconsciente o *Self* ou *imago Dei* como núcleo central da *psique*, preenchendo uma lacuna deixada por Freud, já que, por razões particulares (de um judeu em tempos de Nazismo), Freud opunha fortes resistências à religião/religiosidade/espiritualidade, o que lhe impediu



de entrar em contato com a dimensão espiritual (ROCHA, 1995) e percebê-la como uma realidade psíquica com potencial ambivalente, para adoecer ou restabelecer. Deste modo, *os analistas recalçados foram retornando* e compreendeu-se a importância da integração das diversas perspectivas que tratam do inconsciente – o que preparou caminho para o desenvolvimento da Psicanálise Iniciática.

Os fundamentos teóricos da Psicanálise Iniciática

Assim como Freud sistematizou saberes dispersos, do âmbito da neurologia e psiquiatria, da mitologia, filosofia, antropologia e arte e estabeleceu a Psicanálise, o psicanalista Luciano Lins (2022), coordenou saberes das matrizes psicanalíticas freudiana e lacaniana e da espiritualidade sem dogmas e constituiu a Psicanálise Iniciática. Os conceitos fundamentais que a compõem são originários da Psicanálise clássica, da Psicanálise lacaniana e do pensamento filosófico de tradições espirituais sem dogmas, como as que inspiraram Lacan (Taoísmo e Zen Budismo), entre outros. Inédito na Psicanálise Iniciática é como esses conceitos se *com-põem* e a perspectiva que eles tomam, a saber.

Recalque – a base freudiana da Psicanálise Iniciática

Freud ([1914b] 1996) identificou que o recalque está intimamente vinculado a um desejo interdito e inconsciente. O sujeito deseja algo que não sabe definir, um objeto que (se) perdeu, um objeto que lhe completaria, a mãe – fonte primária de satisfação absoluta.

Quando atendeu Anna O., Freud ([1895] 1996) deparou-se com um fenômeno que nortearia o tratamento psicanalítico, a transferência. Anna O. era inicialmente paciente de Breuer, porém, em meio ao tratamento, desenvolveu pelo médico uma paixão marcada por fantasias históricas. Em razão disso, Breuer não conseguiu sustentar a relação terapêutica e, então, encaminhou a paciente para Freud, por quem, também, depois de algum tempo, Anna O. viria a se apaixonar. Foi quando Freud percebeu a lógica inconsciente: a paixão devotada a ele era, na verdade, uma transferência da paixão nutrida por Breuer, mas impedida de se realizar, em razão do vínculo médico-paciente. E, por sua vez, a paixão devotada a Breuer, deveria ser a transferência de outro amor proibido. Por esse raciocínio regressivo-analítico, Freud identificou

a paixão elementar *pelo pai*, sendo transferida de um objeto a outro.

Seguindo na mesma trilha, podemos indagar: *e se a mãe e o pai – objetos de amor do Sujeito do inconsciente – não forem o lúdico e originário objeto de desejo do indivíduo, e sim, representantes de alguém ou de algo que realmente lhe proporcione a experiência da plenitude? Que coisa seria esta?*

Erich Fromm (2000) situa a etiologia da neurose na *cisão*, não com a mãe, mas *com a totalidade, com a natureza*. Blavatsky (2010) denomina essa condição de *heresia da separatividade*. Portanto, para Fromm (2000), somente a re-integração com a totalidade – perdida em razão de um processo “civilizatório” perverso e sectarista – é capaz de retirar o indivíduo da neurose. Jung ([1912] 2011), por sua vez, sustentava que a pulsão mais profunda não era a sexual, mas a espiritual. Em termos psicológicos, postulava a realidade de uma *imagem de Deus* como o arquétipo central da *psique*; não se referia a uma deidade, mas a um símbolo unificador e transcendente, capaz de reunir aspectos parciais heterogêneos e de integrar opostos polarizados. Na sua perspectiva, orientando-se por esta função transcende, o sujeito sai da condição de neurótico.

Assim, portanto, a Psicanálise Iniciática considera que o objeto de desejo mais profundo e reparador é, na expressão de Dossey (2018), a percepção d’a **(unidade com a) Consciência pura** – a qual continua sendo um mistério incognoscível.

Consciência – a contribuição da espiritualidade oriental para a Psicanálise Iniciática

Consciência (com “C” maiúsculo ou Consciência pura) é um conceito filosófico, presente em diversas tradições espirituais do Oriente, particularmente na Índia. Neste sentido, e de acordo com Spira (2022), Consciência é a experiência primária, a única realidade existente, a realidade de todas as coisas, o Absoluto. *Não é o indivíduo que tem Consciência, é a Consciência que assume inúmeras formas e o indivíduo é uma delas*. Desse modo, o Ego é, por assim dizer, uma constrição da Consciência (LINS; LINS, 2019).

Concordamos em discutir o indiscutível, pensar sobre o impensável e apontar para aquilo que não pode ser visto ou nomeado [a Consciência]. É por



isso que Ramana Maharshi era frequentemente silencioso quando perguntado [sobre a Consciência]. A resposta mais alta a uma pergunta sobre a natureza da Realidade ou do Si é sempre a Realidade ou o próprio [Si], e isso não pode ser falada. Então, ele simplesmente permanecia em silêncio (SPIRA, 2022, 6:32).

Para os ocidentais, viciados no racionalismo e produtores de discursos, é ainda mais desafiador compreender a Consciência. Isso porque “a linguagem não é competente para tocar o solo do Real” (LINS; LINS, 2019, p. 25). No campo da linguagem, só podemos compreender a Consciência pela “*Metáfora Viva*, que é uma tradução aproximada, por comparação, a partir de um toque na Realidade” (LINS; LINS, 2019, p. 29). Assim, após mergulhar na essência do pensamento das duas tradições – ocidental e oriental – Lacan construiu uma Metáfora apropriada à nossa cultura. Aquilo que a tradição oriental denomina *Consciência*, *Absoluto*, *Tao*, na obra de Lacan ([1973-1974] 2019) parece ser tratado como o *Real*, conceito que ao mesmo tempo atrai e espanta.

Do Tao ao Real – a influência da espiritualidade chinesa e da teoria lacaniana à Psicanálise Iniciática

Roudinesco (2008) registra que Lacan sempre foi atraído pelo Extremo Oriente. Portanto, estudou e aprendeu o chinês clássico na Escola de Línguas Orientais e mergulhou no estudo do Taoísmo, com a assistência do sinólogo François Cheng. Foi depois de se aprofundar no *Tao Te Ching*, um dos textos clássicos do Taoísmo, atribuído a Lao-Tsé, que Lacan se sentiu pronto para formalizar a famosa tópica do Real, do Simbólico e do Imaginário.

Eis o texto de Lao-tsé sobre o qual trabalhou com Cheng: “O Tao de origem engendra o Um/ O Um engendra o Dois/ O Dois engendra o Três/ O Três produz os Dez Mil Seres/ Os Dez Mil Seres se encostam no Yin/ E abraçam o Yang/ A harmonia nasce do sopro do Vazio-mediano. [...] É essa noção de vazio-mediano que será utilizada por Lacan para sua nova definição do real no quadro

de sua teoria dos nós (ROUDINESCO, 2008, p. 475).

De acordo com a filosofia Taoísta, o *Tao de Origem* é inefável, inominável, irrepresentável, um Vazio Absoluto para a mente, que não o pode apreender. O Tao de Origem engendra o Um – a Unidade, que é o *Tao originado*, representação d'O Tao de Origem. (Apenas d'O *Tao originado* se pode falar – e parcamente, por meio da Metáfora, do símbolo.) O Um engendra o Dois – a dualidade, o apartamento aparente da Unidade, a cisão, o corte, a falta. O Dois engendra o Três – a percepção, a imagem, a fantasia e toda sorte de criações mentais. A meta do Taoísmo é levar o homem a transcender a multiplicidade, vencer a dualidade e alcançar a Unidade, para, então, finalmente, abandonar a mente e contemplar O Tao de Origem – única realidade existente.

Assim como o Tao de Origem, o Real lacaniano está totalmente fora da fronteira da linguagem e de qualquer possibilidade de representação. É para a Imagem produzida e projetada pelo olhar do Outro que o sujeito mira e é a partir dessa Imagem que se constitui (seu Eu/Ego), no campo da alienação e das identificações. Finalmente, a representação internalizada que faz daquilo que experiencia, o que pode ser posto em linguagem, é o Simbólico (Lacan, [1973-1974] 2019). Eis, em síntese, a formulação dos nós, apresentada por Lacan.

Isso posto, é legítimo considerar que, em última análise, talvez o *objeto perdido* a que se deseja (e que mobiliza o Sujeito), seja a *Unidade*, a qual, por sua vez, aponta para o Real, *O Tao de Origem*, que não tem nome, forma, imagem, representação ou individualização. Talvez a pulsão de morte, a *tensão zero* que o sujeito inconscientemente sempre aspira, como observou Freud ([1911a] 1996), seja, *a priori*, uma *Metáfora do Tao*. É possível, portanto, que, muitas vezes, o sintoma seja uma lembrança muda desta pulsão não atendida que, em essência, é também pulsão de vida e de transcendência.

Os Koans do Zen-Budismo e os aforismos de Lacan – recursos privilegiados da Psicanálise Iniciática

De acordo com Suzuki (2019), o Zen-Budismo é uma escola do Budismo *Mahayana*¹ que se desenvolveu

¹ Han (2022) explica que *Maha* significa “grande” e *yana* significa “veículo”. A tradução literal de *mahayana* é, portanto, “grande

veículo”, o que significa que o budismo, como caminho espiritual, oferece um “veículo” que deve conduzir os seres *para fora* de um modo



na China, durante a dinastia Tang (618-907) e posteriormente se espalhou para o Japão, onde se tornou conhecido como Zen. O Zen-Budismo enfatiza a prática da meditação (*zazen*), a intuição direta e a experiência pessoal da iluminação (*satori*), ao invés do estudo doutrinário ou a adoração de deidades. O Zen é a consciência cotidiana. Suzuki (2019) diz que, uma vez alcançado esse estado espiritual, o homem se torna um *artista zen da vida*. O universo é a tela sobre a qual ele pinta sua existência durante setenta, oitenta, noventa anos. Esse quadro se chama *a história*.

O principal modo de ensino dos mestres do Zen-Budismo é *o não ensinar* (à mente), mas pôr o discípulo em contato com *a verdade* – e para isso, o recurso privilegiado são os **Koans**, isto é, enigmas ou perguntas paradoxais que desmantelam o pensamento racional e visam a despertar a mente para a realidade além do intelecto convencional. A resposta é encontrada por *satori*, uma intuição, uma sabedoria que capta simultaneamente a totalidade e a individualidade de todas as coisas. Psicologicamente falando, o *satori* consiste numa transcendência dos limites do Ego. O que os *Koans* pretendem, antes de tudo, é harmonizar o consciente com o inconsciente (Kapleau, 1978).

Um *Koan* é uma espécie de problema que o mestre propõe aos discípulos. “Problema”, porém, não é bem o termo, e prefiro o original japonês *Ko-na* (*kung-na* em chinês). Literalmente, *Ko* significa “público” e *an*, “documento”. Mas “documento público” nada tem a ver com Zen. O “documento” Zen é o que cada um de nós traz consigo a este mundo ao nascer e procura decifrar antes de partir. [...]

O *Koan* está dentro de nós, e o mestre Zen apenas o assinala de modo que possamos vê-lo mais claramente do que antes. Quando o *Koan* é tirado do inconsciente e colocado no campo da consciência, diz-se que foi compreendido por nós. Para efetuar esse despertar, o *Koan* toma, às vezes, uma forma dialética, mas amiúde assume, ao menos à superfície, uma forma totalmente disparatada. [...]

de vida caracterizado pelo sofrimento. A doutrina de Buda não é, então, nenhuma “verdade”, mas sim um “veículo”, ou seja, um “meio”, que se torna inútil após se ter alcançado o objetivo. Portanto, o discurso

O mestre perguntará legitimamente: [...] “Como minhas mãos se parecem com as do Buda! E como as minhas pernas se parecem com as do burro! [...]” (SUZUKI et al., 1960, p. 55-56).

Roudinesco (2008) informa que, assim como Lacan era atraído no mais alto grau pelo Taoísmo, era igualmente fascinado pelo Japão e pelas grandes obras budistas. Não é à toa que, diferentemente de Freud, que *explicava* (interpretava), Lacan evitava interpretações, preferindo pontuações. Adotava frequentemente aforismos (equivalentes aos *Koans*) e, quando o analisante captava algum elemento do inconsciente ou quando adentrava por racionalizações, adotava o *corte*, ou seja, anunciava o final intempestivo da sessão, uma forma de intervenção muito semelhante à dos mestres orientais, que encerravam qualquer comunicação com os discípulos quando eles se embrenhavam nos labirintos do Ego. Como o próprio Lacan [1953-1954] 1983) afirmava, *a atitude do psicanalista, sujeito suposto saber, não deve ser a do mestre, senão a do mestre budista*.

Posto isso, denota-se como o Taoísmo e o Budismo influenciaram Lacan na composição de sua teoria e em sua prática clínica. Entretanto, vale destacar que o caráter espiritual da Psicanálise lacaniana passou despercebido por várias gerações de psicanalistas. A própria Roudinesco (2008) o menciona, mas parece não ir além da menção. Raros são os que têm percebido e incluído efetivamente essa dimensão espiritual em seu discurso e, principalmente, em sua prática clínica, a exemplo de Souza (2007) e de Lins (2022).

Aplicações possíveis da Psicanálise Iniciática na prática clínica

A Psicanálise Iniciática distingue-se de outras vertentes da Psicanálise que já integram aspectos espirituais em sua teoria e prática clínica. De maneira geral, na Psicanálise, a espiritualidade é compreendida como parte intrínseca da *psique*, expressando-se por meio de símbolos e arquétipos que remetem ao sagrado, ao divino e ao transcendente (Jung, [1912] 2011). A Psicanálise Iniciática, por outro lado, sustenta a mesma

budista é livre da compulsão pela verdade que determina o discurso cristão.



perspectiva das Tradições Iniciáticas, como o Taoísmo, o Budismo, a Vedanta, o Hinduísmo, ou seja, as intervenções do psicanalista são no sentido de que o analisante **se encontre, por si mesmo, com o Mistério que lhe habita e anima** e que está aquém de toda e qualquer identificação. Uma abordagem dessa natureza tem o condão de levar o analisante a se *desp(ed)ir* de arraigados condicionamentos, inclusive se desidentificar do padrão egóico sustentado e, *qual a Fênix, morrer e renascer*, assim como como se dá numa Iniciação espiritual – por isso **esta Psicanálise é Iniciática**.

Como ocorre nas tradições espirituais iniciáticas, nesta modalidade de Psicanálise, o trabalho consiste em desidentificar-se do Ego e, em seguida, desidentificar-se de toda e qualquer coisa, experiência ou pessoa. *O que restar* é o Ser, a Consciência pura. Portanto, uma das fontes que nutre a Psicanálise Iniciática é a espiritualidade sem dogmas, a qual propõe uma jornada psicológica muito semelhante à iniciação espiritual do Oriente, isto é, pela *via da experiência*, e não da crença – essa é a inovação que a Psicanálise Iniciática oferece em sua prática clínica.

Um bom representante deste tipo de *espiritualidade sem dogmas* é o filósofo indiano Jiddu Krishnamurti. Romano (2021), especialista em filosofias da Índia, narra que Krishnamurti nasceu em 1895, em Madamapalle, pequena cidade do sul da Índia. Um dos dez filhos de uma família tradicional indiana, foi educado rigorosamente como brâmane. Seu pai, além de brâmane, era adepto da Teosofia, movimento filosófico, espiritual e cultural que buscava integrar várias formas de sabedoria do Oriente (como a Vedanta e algumas formas de Tantra) com a cultura ocidental. Logo que conheceram o jovem Krishnamurti, a Sra. Annie Besant, presidente da Sociedade Teosófica Internacional, com sede na Índia e seu conselheiro C. W. Leadbeater, perceberam-no como intelectualmente brilhante e espiritualmente iluminado, acreditando que ele era um Messias. Portanto, desde então, a Sociedade Teosófica passou a treiná-lo para ser o próximo *professor do mundo, um novo Cristo, um guru universal*.

Enquanto Krishnamurti estava sendo enaltecido pela Sociedade Teosófica, seus membros acumulavam-no com dinheiro, terras e propriedades (LUTYENS, 1996), inclusive um castelo na Holanda (ROMANO, 2021). Em 1911, foi declarado chefe de uma organização chamada *Ordem da Estrela no Oriente*. Todavia, em 1929, no

momento de sua apresentação pública mundial, evento altamente esperado, ao invés de ler a *Carta de Apresentação*, redigida pela Sociedade Teosófica, diante de três mil membros e mais centenas de pessoas ouvindo-lhe pelo rádio, fez um *Manifesto*, afirmando que não era ninguém especial, tampouco um guru (ROMANO, 2011).

Ao desligar-se da Sociedade Teosófica e recusar o papel que ela lhe conferia, Krishnamurti devolveu os presentes aos doadores (LUTYENS, 1996) e passou a expor seu pensamento, convidando quem lhe escutava a *experimentar* o que ele apresentava, ao invés de *acreditar* em suas palavras. Assim seguiu até sua morte, em 1986.

A base da filosofia de Krishnamurti (2016) é a libertação. Primeiramente, da subjugação a outros homens e instituições políticas, sociais, religiosas, pois, para ele, a autoridade de gurus, líderes espirituais ou sistemas ideológicos gera subserviência, dependência, despotencialização e medo e impede a livre compreensão. Em vez disso, defendia que cada indivíduo deveria ser seu próprio mestre, questionando constantemente suas crenças e condicionamentos. Em sua perspectiva, a mais arraigada de todas as crenças é o Ego, uma construção artificial e alienante, cuja base é uma série de identificações e memórias. Não obstante, esse *artefato* psicológico é uma *entidade* que busca constantemente se proteger, se afirmar e se expandir, o que gera conflitos e divisões, tanto internamente quanto externamente. A grande consequência do apego ao Ego é a separatividade (da Unidade, sobretudo), a qual, apesar de ilusória, está profundamente enraizada na mente humana, sendo a causa fundamental do sofrimento humano. Em sendo memórias, o Ego está imbricado com o tempo psicológico, perpetuando uma existência baseada no passado e na projeção de futuros, habitados por anseios e medos. Essa perpetuação impede a mente de estar plenamente no presente, bloqueando a percepção direta e a verdadeira compreensão. Apenas quando está inteiramente no presente – em meditação – é que o indivíduo está livre dos condicionamentos, livre da mente.

A meditação, para Krishnamurti (2019), é *ser* inteiramente presente na ação, *no agora*; é um modo de ser, e não uma prática pontual que se faz por alguns minutos, em horários marcados do dia.

Meditação é viver uma vida diligente. A meditação não está separada do viver diário.



Retirar-se para um cantinho, meditar por vinte minutos toda tarde ou toda noite isto é apenas ter uma sesta [...]. Você chama isto de meditação, e esta meditação é totalmente separada do seu viver diário [...]. Na meditação, não existe controle, porque o controlador é o controlado [...]. Na meditação não há esforço algum porque não há controlador.

E meditação implica consciência – consciência da Terra, da beleza da Terra, da folha morta, do cachorro a morrer, do cachorro que está doente. É estar cômico do seu ambiente, cômico de seu vizinho, cômico das cores que você veste, do porquê você veste estas cores e estes adornos, estar cômico de tudo; estar cômico da beleza do vento entre as folhas; estar cômico de seus pensamentos, de seus sentimentos. Ou seja, significa estar cômico [...], apenas observar, apenas estar cômico [...]. Quer dizer, estar cômico de seus sentimentos, suas opiniões, seus julgamentos e suas crenças [...]. Quando você está tão profundamente atento, não há um centro como “eu” para dar atenção. Isto é meditação (KRISHNAMURTI, 2019, pp. 178-179).

Quando se medita, ou seja, quando se é inteiramente presente *apenas* no que se vive *no instante*, **se está livre do Ego** – de identificações, memórias, expectativas –, **é o Ser que atua**, sem passado, sem presente e sem futuro, **no eterno agora**. Esse modo de viver liberta de muitos condicionamentos, de muitos sofrimentos, o que é um grande benefício para os pacientes.

Essa atitude meditativa é adotada pelo psicanalista, nas sessões de análise, o que tem o potencial de ampliar sua percepção e favorecer intervenções coerentes com o que a abordagem propõe, como pontuações nascidas do *insight*, metáforas e *koans* que iluminem a experiência do analisante.

Alcances e limites da Psicanálise Iniciática

A Psicanálise Iniciática, tal qual formulada por Lins (LINS et al., 2022) é, antes de tudo, Psicanálise, o que equivale dizer que se ocupa de conteúdos inconscientes, conteúdos recalcados que fazem pressão sobre o Sujeito. Apesar de compreender que *O Tao Original*, por assim dizer, é a fonte de tudo o que mobiliza o indivíduo – e ao

que se aspira, em última análise – *Ele, O Tao*, engendra uma multiplicidade de representações com as quais o analisante se identifica e envolve e, portanto, precisa lidar. Sendo assim, a Psicanálise Iniciática trabalha, com o analisante, *cada camada que se apresenta*, desde o sexual freudiano até *a noite escura da alma* (CRUZ, [1578] 2002). A distinção é que, enquanto a Psicanálise convencional tem como foco último o Sujeito do Inconsciente (também um espectro da identificação com o Outro), a Psicanálise Iniciática se volta para o que está aquém e além das identificações, a Consciência Pura (Dossey, 2018).

No Seminário 12, *Problemas Cruciais para a Psicanálise*, Lacan ([1964-1965] 1985) chamou atenção para o *desejo do psicanalista*, uma vez que este interfere significativamente no curso de uma análise. *O desejo do psicanalista* é um conceito associado à elaboração de uma ética própria da Psicanálise. “Portanto, o desejo do psicanalista, a ética da psicanálise e a responsabilidade do psicanalista devem ser pensados em uníssono” (RABINOVICH, 2000, p. 11). Dito de outro modo: a maneira como o psicanalista compreende o desejo do analisante e almeja introduzi-lo no circuito da linguagem, ele, o analista, no *seu* desejo de analisar, se insere no jogo fantasmático das transferências cruzadas e no encadeamento de Significantes, o que significa que a perspectiva do psicanalista interfere (in)conscientemente na análise.

Assim, portanto, e ciente disto, o *psicanalista iniciático* adota uma atitude contemplativa, meditativa e suas intervenções, quais as intervenções do *mestre budista* (para usar a expressão do próprio Lacan, [1953-1954] 1983), advêm do *insight*, são parcimoniosas e no sentido de propiciar ao analisante desidentificar-se do Ego e das representações inconscientes (condicionamentos, em última análise). Mais ainda: qual o *Koan*, tais intervenções visam a facilitar o contato do analisante com a pura Consciência (DOSSEY, 2018), único meio de que se dispõe para diluir as identificações e levá-lo a *ser o que é*.

Não obstante, a Psicanálise Iniciática é também um aparato teórico e técnico e, como tal, fruto de uma conceitualização, a qual, em si mesma, é uma limitação epistemológica e, como tal, não alcança a totalidade da experiência do sujeito. É impraticável que qualquer saber – ainda que seja um saber sobre a espiritualidade – contemple a experiência espiritual, enquanto vivência



além do ego, em que se experimenta um sentimento de unidade ou dissolução do “eu”. Essa dimensão direta da espiritualidade escapa à análise e à linguagem, é da ordem da experiência direta, do Real e do silêncio. Tudo o que se disser a respeito é Metáfora.

CONCLUSÃO

A esta maneira, a Psicanálise não tem compromisso de dedicação exclusiva a um teórico, não está filiada ideologicamente a uma só teoria, nem tampouco presa a qualquer corrente. Compreende que, no

Ocidente, desde Freud, o mistério do ser humano passou a ser considerado – como o inconsciente – e é natural que daí advenha uma multiplicidade de perspectivas e saberes que coexistem sem concorrer ou se anular.

É possível, portanto, que tal abordagem psicanalítica, integrando saberes psicológicos à dimensão espiritual – não de maneira diretiva ou dogmática, mas pela via da *experiência, portanto, Iniciática* – ofereça cuidados à alma em diversos níveis, propiciando ao indivíduo transcender os labirintos do inconsciente rumo à Consciência pura.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. **Lacan chinês**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2023.

BLAVATSKY, H. **A voz do silêncio**. São Paulo: Pensamento, 2010.

CRUZ, J. [1578]. Noite escura. In: **Obras completas**. Petrópolis: Vozes, 2002.

DOSSEY, L. **A conexão da consciência**. São Paulo: Cultrix, 2018.

FIGUEIREDO, L. C. **As diversas faces do cuidar: novos ensaios de psicanálise contemporânea**. São Paulo: Escuta, 2009.

FREUD, S. [1914a]. A história do Movimento Psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. [1900]. **A interpretação dos sonhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

FREUD, S. [1911a]. A pulsão e suas vicissitudes. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. [1895]. Estudos sobre a histeria. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Vol. II. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. [1911b]. Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, S. [1914b]. Recordar, repetir e elaborar. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição *standard* brasileira. Vol. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FROMM, E. **A arte de amar**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

GAY, P. **Freud: uma vida para o nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HAN, B. C. **Filosofia do zen-budismo**. Petrópolis: Vozes, 2022.

HENTZ, R.; GOLDFAJN, D. S.; VIEIRA, B. A.; VIANA, D.; MELLO, R. **Ferenczi: a arte da psicanálise**. São Paulo: Blucher, 2023.



JUNG, C. G. [1912]. Símbolos da transformação. In: **Obras completas de C.G. Jung**. Vol. 5. Petrópolis: Vozes, 2011.

KAPLEAU, P. **Os três pilares do Zen**. Santa Luzia: Itatiaia, 1978.

KRISHNAMURTI, J. **A mente imensurável**. Brasília: Editora Teosófica, 2019.

KRISHNAMURTI, J. **Liberte-se do passado**. São Paulo: Cultrix, 2016.

LACAN, J. [1953-1954]. **O Seminário, livro 1**: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983.

LACAN, J. [1964-1965]. **O Seminário, livro 12**: Problemas cruciais para a psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, J. [1973-1974]. **O Seminário, livro 21**: Os não-tolos vagueiam. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2019.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

LINS, L. **Psicanálise da Presença**. Kindle: *E-book*, 2022.

LINS, L. F.; LINS, K. G. V. **Ciência da Consciência e espiritualidade**. Curitiba: Editora CRV, 2019.

LINS, L. F.; LINS, K. G. V.; VASCONCELOS, C. A. C.; OLIVEIRA, D. C. L. (2022). The religion of conscience in the light of initiatic psychoanalysis. **International Journal of Complementary & Alternative Medicine**, v. 15, n. 2, p. 98-106, 2022. Disponível em: <https://medcraveonline.com/IJCAM/the-religion-of-conscience-in-the-light-of-initiatic-psychoanalysis.html#>. Acesso em: 02 jun. 2023.

LUTYENS, M. **Vida e morte de Krishnamurti**. Brasília: Teosófica, 1996.

RABINOVICH, D. S. **O desejo do psicanalista**: liberdade e determinação em psicanálise. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.

ROCHA, Z. **Freud**: aproximações. Recife: Editora Universitária da UFPE, 1995.

ROMANO, G. (2021). **J. Krishnamurti – o legado e a filosofia de um gênio**. [Palestra]. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rMa2yJhPMuw&t=1713>. Acesso em: 18 mai. 2024.

ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan**: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia de Bolso, 2008.

SOUZA, N. R. **Psicoterapia e Taoísmo**. São Paulo: Summus editorial, 2007.

SPIRA, R. (2022). **O que é a Consciência**. [Palestra]. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6-FF_XzkbqA. Acesso em: 01 jun. 2024.

SUZUKI, D. T.; FROMM, E.; MARTINO, R. **Zen-Budismo e Psicanálise**. São Paulo: Cultrix, 1960.

